
Uma voz feminina dissonante no Maranhão do século XIX: O discurso antiescravagista de Maria Firmina dos Reis

Marcos Antônio Fernandes dos Santos¹

Resumo: Maria Firmina dos Reis, escritora maranhense do século XIX, foi uma mulher à frente de seu tempo e que rompeu muitos paradigmas, principalmente por ser mulher e se empenhar no exercício da escrita. No auge da escravidão no Brasil, escreveu e questionou sobre o sistema escravagista. Este artigo tem como objetivo investigar traços da dissonância através do discurso da escritora, nas obras *Úrsula* e *A escrava*. A metodologia utilizada é de base bibliográfica, caracterizada como análise-crítica. Para a construção teórica, utilizou-se autores como Antônio Candido, Mikhail Bakhtin, Maria Lúcia Mott, entre outros. Uma escritora negra falando sobre a escravidão, sob o viés abolicionista em pleno o século XIX, é a renovação da esperança em dias melhores e a atualização necessária aos moldes literários vigentes na época. É também o prenúncio da conquista de espaço que muitos tipos humanos não tinham e conquistaram com o passar dos tempos.

Palavras-chave: Escrita feminina; Dissonância; Literatura Brasileira oitocentista.

Abstract: Maria Firmina dos Reis, a 19th-century Maranhão writer, was a woman ahead of her time and who broke many paradigms, mainly because she was a woman and engaged in the exercise of writing. At the height of slavery in Brazil, he wrote and questioned about the slave system. This article aims to investigate traces of dissonance through the writer's discourse, in the works *Ursula* and *The slave*. The methodology used is bibliographic basis, characterized as critical analysis. For theoretical construction, authors such as Antônio Candido, Mikail Bakhtin, Maria Lúcia Mott, among others, were used. A black writer talking about slavery, under the abolitionist bias in the middle of the 19th century, is the renewal of hope on better days and the necessary updating to the literary molds prevailing at the time. It is also the foreshadowing of the conquest of space that many human types did not have and conquered over time.

Keywords: Female writing; Dissonance; 19th century Brazilian literature.

¹ Professor Substituto do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: marcosantos@professor.uema.br.

INTRODUÇÃO

A literatura constitui um espaço democrático, diversificado em discursos e assume um importante instrumento para que diferentes vozes sejam ouvidas. De tal forma, a arte literária tem lugar igualmente relevante na vida humana. A leitura de tais textos possui valor inestimável, pois emancipa e humaniza o homem, transforma suas experiências e percepções de mundo. Por outro lado, a literatura nem sempre foi acessível a todos, especialmente para aqueles que socialmente foram inferiorizados por sua “irrelevância social”.

As mulheres, por exemplo, por muito tempo foram submetidas ao poder e às decisões do homem, historicamente, elas foram colocadas à margem da sociedade, limitadas ao exercício das funções e atividades domésticas. Assim, leitura e escrita são atividades que por muito tempo foram negadas a elas, não eram costumes que definiam o dia a dia das mulheres. Afinal, dessas práticas podem resultar mecanismos pelos quais se pode exercer o poder, instrumento buscado pelo patriarcado, para que o homem pudesse se afirmar como autoridade.

Uma das características marcantes e reconhecíveis em algumas produções literárias, é o aspecto transgressor, a resistência construída pelo texto, através da natureza revolucionária da linguagem e do artista que imprime no papel as suas aspirações, lutas, experiências e devaneios. Portanto, a singularidade da experiência humana é representada através da literatura, que cada vez mais vem conferindo destaque às múltiplas formas e lugares de existência. Nesta comunicação, destaca-se a figura da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, e a presença do discurso contra a escravidão no contexto de uma literatura do século XIX, escrita por mulher e em meio ao regime escravocrata brasileiro.

Nesse sentido, a escritora é uma mulher à frente de seu tempo, que vai de encontro aos interesses de grandes homens e da organização socioeconômica da época. Assim, possui grande destaque na literatura brasileira, apesar de silenciada por muito tempo, pois somente a partir das duas últimas décadas é que a escritora é redescoberta, sendo considerada a primeira romancista brasileira. Seu protagonismo, e não somente no meio literário, é indiscutível, porque enquanto mulher negra, foi transgressora de costumes e padrões estabelecidos para a realidade de que fez parte. Assim, objetiva-se aqui, investigar traços da dissonância através do discurso da escritora, nas obras *Úrsula* e *A escrava*.

MARIA FIRMINA DOS REIS: ESCRITA E TRANSGRESSÃO

Maria Firmina dos Reis (1822-1917), é uma escritora, poeta e romancista maranhense, mulher negra que viveu em meio a uma sociedade extremamente segregacionista. Tendo ainda nascido fora do casamento, encontrou diversos obstáculos para que pudesse sobreviver. Aos cinco anos, Firmina foi acolhida por uma tia, em cidade diferente da que nasceu, em virtude do falecimento de sua mãe. Essa foi, entretanto, a oportunidade que teve para que pudesse iniciar seu processo de formação, como corrobora (Mott, 1988).

Além de escritora, Maria Firmina foi professora. Em 1847, aos 25 anos, conseguiu aprovação em concurso público para a Cadeira de Instrução Primária, no município de Guima-

rães – MA. Anos mais tarde, no início da década de 1880, funda a primeira escola mista de educação gratuita do Maranhão, uma das primeiras instituições escolares acessível ao público geral, no Brasil. A ideia da fundação da instituição, era ofertar educação para meninas e meninos, uma vez que as mulheres não tinham iguais condições perante ao sexo masculino.

De tal maneira, fica evidente o papel social e a relevância que a escritora teve não somente para o Maranhão, mas para o Brasil, pois fora precursora de movimentos que foram ganhando cada vez mais força, em direção a uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres e para os negros. A força transgressora de Maria Firmina foi capaz de promover mudanças significativas nas letras e na educação de seu Estado, a ponto de que mesmo perdidos entre as sombras da história, sua vida e seus escritos ressurgem tempos depois como preciosidades para a literatura brasileira e para a história.

A escrita é, para Maria Firmina dos Reis, sua arma mais poderosa. No entanto, observando o contexto em que estava inserida, a escritora qualifica sua obra como “mesquinha e humilde”, segundo é possível observar no prólogo de *Úrsula*, quando o escreveu com o pseudônimo de “uma maranhense”:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2019, p. 21).

Ainda em referência ao romance, a autora afirma que mesmo sabendo do “indiferentismo glacial de uns” e do “riso mofador de outros”, “ainda assim o dou a lume” (2017, p. 21). Assim, reafirma a necessidade de que sua escrita chegue a outros, por mais que não receba o devido crédito ou que seu conteúdo e qualidade sejam questionados. O importante, para ela, é muito mais a reflexão que a narrativa certamente pode promover sobre o sistema escravagista, bem como sobre o valor da vida do povo negro. A escritora sabia exatamente o potencial existente por trás da escrita literária e como ela poderia de alguma forma despertar para questões importantes, por meio dos discursos que veicula.

A escrita de Maria Firmina dos Reis, com destaque para o fato de que de é fruto da experiência de uma mulher negra, é considerada precursora da temática abolicionista na literatura brasileira, sendo anterior, inclusive, ao importante poema de Castro Alves, *Navio Negreiro*. O romance *Úrsula*, publicado originalmente em 1859, evidencia as marcas da escravidão e ao mesmo tempo constrói discursos que denunciam e registram o quanto esse sistema é degradante e destrutivo ao homem. Assim, as personagens, em sua maioria homens e mulheres negras, representam a vitalidade e a esperança do povo africano, que mesmo diante de tantas injustiças, permanecem fiéis a sua natureza íntegra.

A esse respeito, temos a seguinte passagem em que o narrador nos fala sobre o negro Túlio: “[...] E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso[...].” (REIS, 2004, p. 28). Na

narrativa de Firmina, os escravos são nobres e generosos, não reagem conforme são tratados pelo homem branco. Eles também falam por si, a autora confere voz aos mesmos, que contam sobre seus infortúnios e tragédias. Esse é, portanto, um dos aspectos de destaque na escrita da autora, o negro não precisa de um porta voz, ele fala por si.

As personagens negras, homens e mulheres, são fortes e possuem vozes altissonantes. Elas são porta-vozes da posição assumida pela escrita, que defende o fim da escravidão. Corroborando com o exposto, Duarte (2004, p. 203), afirma que Úrsula é “uma obra que dar voz a mulher (escritora) e tematiza o negro a partir de uma perspectiva interna – o próprio negro narra sua história cheia de sofrimentos, sonhos e fé”. Sobre a condição da escravidão, em diálogo com Tancredo (jovem branco), o negro Túlio expõe:

— A minha condição é a de mísero escravo! Meu senhor – continuou – não me chameis amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... Tão mesquinha e rasteira é a sua sorte, que...

— Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos. Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. (REIS, 2019, p. 30)

Se por um lado temos o reconhecimento da condição mísera por parte do próprio negro, a escritora através da figura do homem branco abomina a discriminação e a inferiorização do africano, argumentando sobre a necessidade da chegada de um novo tempo que torne a vida do negro mais amena, ou seja, defende a necessidade de que a escravidão se encerre, pois somente com o fim do sistema é que haverá a possibilidade de que os homens se reconheçam como irmãos. Em outro trecho, temos a personagem preta Susana contando sobre como a vida fora dura para si e seus irmãos. Através da fala da preta, Maria Firmina tece a violência vivida pelos escravos e expõe os motivos pelos quais a escravidão não trouxera bons frutos, deixando memórias traumáticas e negativas.

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça. (REIS, 2019, p. 80)

Por meio da personagem escravizada que conta sua história e expõe suas memórias, a escritora denuncia os maus tratos aos quais os negros foram submetidos, demonstrando os horrores que a escravidão instalou na vida dos africanos. Colocando-se ao lado destes,

se reconhece parte do grupo inferiorizado. O discurso sobre a abolição aparece, então, intrinsecamente, uma vez que se tem manifestada a empatia em relação aos desfavorecidos. O posicionamento contrário à escravidão é evidente em muitas passagens do romance. Seja implícita ou explicitamente, somos capazes de percebê-lo. Em outra fala da preta Susana, temos:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura, até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé, e, para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa: davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim, e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2019, p. 80)

Susana relembra o cenário de horror instalado a partir do momento em que ela e muitos de seus semelhantes foram capturados em sua terra natal, sendo tirados do convívio com os seus, e colocados no infecto porão de um navio, onde tiveram que sobreviver por longos dias, submetidos às condições de vida mais degradantes, tratados como animais, ou melhor, como mercadoria. De forma bem explícita, a fala da personagem questiona e critica o sistema em que seres humanos tratam seus semelhantes de tal maneira, sem que ao menos lhes doa a consciência. Assim, o texto de Firmina é um dos primeiros a abordar a escravidão pelo viés da abolição, sendo evidente a posição da escritora, que não compactua com a realidade em que convive, destoando do que se poderia esperar para o contexto em questão. Conforme ressalta Silva (2010):

Maria Firmina dos Reis construiu uma voz dissonante na literatura do século XIX, principalmente por ser uma mulher escritora, em um período no qual a escrita pública era quase exclusivamente masculina; é voz dissonante também por ser mulata, autodidata, e por escrever sobre os escravos de uma perspectiva completamente diferente de outros literatos. (SILVA, 2010, p. 17)

Outro texto escrito por Maria Firmina dos Reis, em que também é possível observar o discurso abolicionista, é o conto “A escrava”. A narradora nos conta sobre a ocasião em que ajuda a uma escrava e seu filho, que estão em fuga. Assim, toma partido pelo lado do oprimido, mostrando-se sensível e empática para com o outro explorado e violentado. Através da narrativa, somos apresentados de maneira muito sensível e realística, à vida dos africanos escravizados no Brasil. Logo nos momentos iniciais do conto, temos um discurso forte e poderoso, em que a narradora se posiciona contra a escravização humana.

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na frente de todos nós. (REIS, 2019, p. 175)

Além de situar a escravidão como um grande mal que destrói a humanidade, a narradora tece argumentos e explica como o sistema é decadente, considerando-o ineficaz e ultrapassado em termos de progresso para a nação. Nesse sentido, expõe a vergonhosa face da escravidão, que afasta quaisquer perspectivas de futuro. Refletindo sobre o lugar do autor e seu papel, Mikhail Bakhtin (2003), aponta que “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação”. (BAKHTIN, 2003, p. 364).

Nesse sentido, Firmina se posiciona em vários momentos, se mostrando incomodada com tal situação e, assim, temos a denúncia de uma realidade para com a qual a escritora não compactuava, e através da voz que narra, somos capazes de identificar esse posicionamento. A narradora, que é também personagem, continua expondo seu posicionamento frente à defesa dos escravos, após ajudá-los a fugir de seu alçóz:

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco. (REIS, 2019, p. 181)

Conforme se observa, a narradora-personagem possui consciência da gravidade de seus atos, de como fere a lei ao acobertar um escravo fugitivo, porém, ainda assim o faz. Sabe que é seu dever enquanto ser humano, que a bondade e o amor ao próximo fazem parte de sua natureza, por isso decide ir contra as leis, seguindo suas convicções. Partindo dessa concepção, é possível verificar também que a narradora não apenas toma partido contra a escravidão, ela ainda critica as leis e lamenta que àquela altura elas ainda estejam em vigor, oprimindo e tornando desumana a vida do afrodescendente, os quais entende como seus semelhantes.

Em outro trecho, a narradora nos revela que “eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro” (REIS, 2019, p. 182), deixando claro aos leitores que a causa abolicionista ganhava contornos, tornando-se cada vez mais forte, constituindo muito mais que um discurso, mas um movimento legítimo e organizado. No ponto máximo da narrativa, quando a narradora-personagem enfren-

ta o algoz do jovem escravo e de sua já falecida mãe, defendendo-o em sua casa, temos a imposição de uma voz agressiva e forte, que repudia a escravidão.

— Detém-te! – lhe gritei eu. – Estás sob a minha imediata proteção; – e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe: — Insolente! Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, – miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te e entrega-lhe este cartão; aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver. (REIS, 2019, p. 186).

Assim, temos na escrita de Maria Firmina dos Reis, a potencia necessária para a revolução que a literatura pode causar. Em meio a uma sociedade conservadora e discriminatória, temos uma mulher levantando sua voz, saindo da sombra e se colocando em defesa daqueles que não possuem maiores condições de se expressar, nem espaço reservado para tanto. Através de suas personagens, a autora chama a atenção para a problemática da escravidão, que nada traz de positivo para a sociedade. A visão geral expressa nas obras aqui apresentadas, diz respeito aos ideais de igualdade, justiça e liberdade, direitos que devem fazer parte da vida de todo ser humano, e que precisaram ser conquistados a duras pedras pelos africanos escravizados. Para tanto, muitos precisaram erguer suas vozes. Assim, a literatura da escritora exerce potencial de humanização, sendo este termo entendido como:

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2004, p.180).

A existência da escritora foi por si só transgressora, porque foi de encontro a uma realidade que excluiu e silenciou toda e qualquer forma de vida que destoasse do padrão dominante esperado. Se é verdade que o homem é fruto do meio, o caso de Maria Firmina foge à regra, porque sua existência questiona o meio, o funcionamento social, as bases do racismo e a hegemonia masculina. Seu posicionamento, portanto, não se limitou apenas ao nível da ficção, através da escrita literária, mas é verificável ao longo de sua história de vida, manifestando-se ao longo das escolhas que fizera enquanto mulher negra, educadora e escritora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de mulheres na literatura brasileira até o século XIX é quase uma exceção à regra, tendo em vista que o meio era majoritariamente ocupado por homens brancos. A presença de uma mulher negra, então, é algo a ser destacado, devendo sua obra ser apreciada com muita cautela pelo público, ainda mais quando se trata de uma personalidade que questiona e destaca temas delicados para sua época, numa atitude que aos poucos é capaz de desmontar todo um sistema social que beneficia a poucos e prejudica a muitos.

Maria Firmina dos Reis foi uma mulher à frente de seu tempo. Movida pelo desejo de justiça e de mudança, como escritora tece narrativas em que coloca o negro como protagonista, como ser humano dotado de sentimentos e sensibilidade. Assim, se utiliza de seus personagens e de suas vozes para propagar fortes e poderosos discursos de valorização do povo africano, abominando o sistema escravagista, e criticando aqueles que o mantêm vivo. Enquanto mulher negra, assume a responsabilidade de não se esquivar das lutas em prol de seu povo, e como cidadã, coloca em prática suas ambições quando assume a posição de educadora.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.
- DUARTE, Eduardo de Assis, Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afrobrasileira. [Posfácio]. In: REIS, Maria Firmina dos Reis. *Úrsula; A Escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. 2. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. (Série prazer de ler; n. 11 e-book)
- SILVA, Régia Agostinho da. A mente, essa ninguém pode escravizar: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. *Revista Leitura: Teoria & Prática*. Campinas – SP, v. 29, n. 56, p. 11-19, 2011.

